



PERMANECER NA PRESENÇA DE DEUS

Irmã Marta de Jesus Crucificado, CP – Monja do Mosteiro Passionista São Paulo da Cruz

Carta de São Paulo da Cruz a Maria Teresa Palozzi, 31 de agosto de 1758.

“Creia que existe mais mérito e dá mais alegria ao Senhor, quando na aridez e na obscuridade se está resignada e alegre com a vontade do Senhor, do que se tivessem as maiores consolações celestes. Quanto mais a oração é pura e despojada da imaginação, mais se caminha em pura e nua fé, aí então, a oração se torna perfeita. Portanto, quando não puder meditar e discorrer o tempo, esteja na presença de Deus dentro de si, no templo da sua alma, repousando como uma menina no seio do Senhor, em sagrado silêncio de fé e de santo amor.

Oh, se soubesse como é grande esta oração! Se acostume a este recolhimento interno: lembre-se como verdade da fé, que Deus está mais próximo de nós, do que nós de nós mesmos; muito mais próximo que a pele à nossa carne. Se perca, então, toda em Deus: repouse no seu seio Divino, O adore, O ame, e se não pode dizer palavras, não importa; é até melhor. Fale do seu estado presente, verá que a sua alma encontrará mais alimento e se acostumará a estar em contínua oração, estando sempre recolhida em Deus. O amor falar pouco e se exprime mais com o silêncio. Uma palavra de amor basta: Ó Pai! Ó grande Pai! Ó Bondade! Ó Amor! Uma destas jaculatórias basta para ter a alma apaixonada por longo tempo na oração.

Senhorita Teresa, eu lhe disse grandes coisas, porque conheço que o Senhor quer fazer-lhe verdadeiramente serva e esposa. Seja fiel, cara filha, seja fiel! Principalmente no exercício das sólidas virtudes: na humildade de coração e no conhecimento do seu próprio nada. Seja mansa, modesta dia e noite, amante do silêncio, amante do estar solitária e em intimidade com o Esposo Divino; mantenha a solidão interna também em meio às pessoas, no trabalho e afazeres da casa. Sofra e cale-se, negando sempre a própria vontade.”

“Caminha na minha presença e sê perfeito.” (Gn 17,1)

Quem, quando criança, não ficava assustado e temeroso diante da perspectiva de que Deus tudo vê, e se vê, está sempre presente? *“Não faça nada escondido, porque Deus tudo vê...”*

Mas se é impossível, como canta o salmista, fugir da Sua Divina presença – “para onde irei, para onde fugirei” (Sl 138) –, por que devemos lidar com a necessidade, como aconselha São Paulo da Cruz a Teresa Palozzi, de estar na sua presença?

Mesmo estando há mais de 30 anos no Mosteiro – e talvez você também experimente isso –, me pergunto por que esta necessidade? esta prática é um desafio exigente diuturnamente? Poderíamos até cantar num coro de muitas vozes a canção da esposa dos Cânticos: *“Durante a noite, no meu leito, busquei aquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar. Vou levantar-me e percorrer a cidade, as ruas e as praças, em busca daquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar”* (Ct 3,12).

Salomão, apesar de construir o Templo de Jerusalém onde Deus pudesse estar e ouvir as preces do seu povo, está consciente que nem os próprios céus O podem conter (1Rs 8,27). Onde, então, poderíamos encontrá-lo e estar na Sua presença? Guiados pela fé cristã (e de tantos outros credos), encontramos-Lo na sua Palavra, na Eucaristia (presença real), na oração comum (Mt 18,19), no amor (*“quem permanece no amor, permanece em Deus”*, 1Jo 4,16), nos necessitados (Mt 25,31-46), no cosmo, na beleza da criação (*“calai-vos; eu sei que vocês falam de Deus”*), e até “no fundo das panelas”, como ensina Santa Teresa d’Ávila.

“N’Ele – como afirma São Paulo – vivemos, nos movemos e somos” (At 17,28). Ele nos envolve e, de certa forma, também nos procura como a Adão e Eva no Paraíso; se inclina para ver todos os homens (Sl 32,13); se abaixa e se rebaixa para nos alcançar (cf. Fl 2,6-8). Fica à espreita na estrada para nos abraçar em nosso regresso (cf. Lc 15,20). Um Deus assim... que se torna tão íntimo!!! *“Eu te procurava fora de mim e estavas dentro de mim”*, desabafava Santo Agostinho.

Entre os grandes místicos que influenciaram o pensamento de Paulo da Cruz, se destaca o dominicano renano Johannes Taulero. Quando teve contato com os seus *Sermões*, provavelmente pelo ano de 1748, Paulo de certa forma deparou-se como que diante de um espelho, no sentido de que, em suas palavras e expressões, encontrou aquilo que há muito já tinha compreendido de espiritualidade. Era uma sintonia tão grande que só de ouvir falar dele, se comovia, chorava e dizia: “Meu Taulero”. Entre as muitas expressões com as quais se identificava, dizia a respeito ao “Fundo interior”, onde se realiza o verdadeiro encontro com Deus. Se Deus não ocupa lugar e nenhum lugar o pode conter, o que ambos entendiam como “fundo interior”?

Falando de Deus, expressões de espaço e tempo só podem ser entendidas em sentido figurado. “Fundo interior” seria, então, primeiramente, a própria intimidade de Deus, o “seio do Pai” (Jo 1,18) onde em Cristo participamos da natureza divina, própria da nossa filiação adotiva.

“Fundo” é também a própria essência do ser humano, enquanto este não só está em Deus mas, por sua vez, também é o lugar de Deus enquanto Ele age no íntimo da pessoa, transformando-a em Si. Isso acontece especialmente na inabitação da Santíssima Trindade na pessoa em estado de graça. Trata-se, pois, daquela compenetração amorosa já eloquentemente sublinhada no Novo Testamento: *“Permaneci em mim e eu permanecerei em vós”* (Jo 15,4).

Da mesma forma, escreve São Paulo da Cruz às suas filhas espirituais: *“Permaneça dentro de si mesma, em pura fé, sem*

imagens, toda voltada para Deus, que está todo em você. E você está mais em Deus do que em si mesma” (Carta a Teresa Palozzi, 13 de julho de 1757); *“... assim, a oração é mais perfeita, porque sai do íntimo, da essência da pessoa, a qual contempla no espírito de Deus. Esta é uma linguagem elevada, mas Deus, quando quer, faz falar também as pedras. Deixa, pois, que o imenso Bem repouse em seu espírito. Este é um repouso recíproco: Deus está em você e você em Deus*” (Carta a Lucia Burlini, 25 de maio de 1751).

Fundo interior é, então, este “lugar e instante” místico e teológico onde acontece a experiência sublime do encontro do Criador com a criatura, do “nada” com o “TUDO”, do Amado com a amada. Na fragilidade da nossa condição humana – *“Se nem os céus, nem a terra O podem conter”*, como um ser humano pode experimentar o Divino? – nós o vemos através das grades (cf. Ct 2,9) e às apalpadelas: sentimos o perfume de mirra de suas mãos no trinco de nossas portas (cf. Ct 5,4-5).

Mas pelo ardor deste encontro ficamos marcados para sempre: *“Exalaste perfume e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz”* (Santo Agostinho).

Não é pelo fato de que isto seja místico, que não seja algo real. É preciso manter a sintonia para podermos encontrá-lo no dia a dia: na sua Palavra, na Eucaristia, na oração comum, no amor, nos necessitados, no cosmo, na beleza das flores, e até “no fundo das panelas”... Aqui está a vigilância cristã que espera pelo seu Senhor, como a amada espera pelo Amado, mais que o vigia pela aurora (Sl 129,7).

Manter-se na presença do Senhor é manter-se na consciência do próprio ser, como São Bento que *“sozinho, sob o olhar do supremo Vigilante, viveu voltado para o seu íntimo”* (se encontrou consigo mesmo). Neste encontro com a essência do próprio ser, iluminado pela luz do critério divino.

É algo tão simples como um diálogo entre amigos – *“O Senhor se entretinha com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo”* (Ex 33, 11) – mas, ao mesmo tempo, tão difícil por causa da nossa mente e imaginação fugidias e agitadas, que correm atrás de qualquer mosca.

Imagem belíssima tomada de São Francisco de Sales, referida já no Diário, em que o nosso Santo nos recorda que somos bebês amamentados por Deus no desejo e na vontade, mas agitados pelas distrações e devaneios da mente:

“Pelo que Deus me dá a entender – e disso tenho consciência – sei que minha alma está sempre fixa em Deus com a Sua paz, mas permanece mais insensível e escondida. Disso se dá conta a minha vontade, que é a boca por onde entra o santo alimento do divino amor, a qual (a vontade), se bem fique intimamente alimentada, sofre o incômodo que lhe causam estas duas faculdades – memória e inteligência – que correm atrás das distrações. Acima e além de tudo isso, está o fato da vontade não sentir, como quando lhe estão unidas as outras duas faculdades.

“No meu entender, é algo como um bebê que mantém a boca no peito da mãe e mama o leite, mas com as mãos e os pés esperneia, se remexe, move a cabeça e faz outras coisas semelhantes. Mas continua mamando, porque não tira a boca do peito da mãe. Claro está que seria melhor para ele ficar

quieto do que estar a fazer as coisas mencionadas. Mas, de todas as maneiras, o leite lhe desce pela garganta, pois ele não tira a boca do peito da mãe. Assim é com minha alma: a vontade, que é a boca, não deixa de sugar o leite do santo amor, ainda que as faculdades – memória e inteligência – estejam a divagar. Vale dizer que, na verdade se sente mais proveito quando elas estão apaziguadas e unidas; mas eu não saberia explicar isso melhor, pois o Senhor

não me dá a entender outra coisa” (Diário Espiritual, 29 de novembro de 1720).

O que importa é a Vontade, a certeza da fé, a atração magnética entre o Criador e a criatura que cada ser, mesmo inconsciente desta realidade o experimenta em sua sede de infinito: *“De Vós mesmo nos provém esta atração, que louvar-vos, ó Senhor, nos dá prazer. Pois, Senhor, vós nos fizestes para vós; e inquieto está o nosso coração, enquanto não repouse em vós, Senhor”* (Santo Agostinho).

REFLEXÃO

- ❖ *“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”* (Papa Bento XVI). Sou capaz de situar em minha história o momento em que aconteceu este grande e transformador encontro com Deus?
- ❖ Na minha vigília cristã – o estar na presença de Deus – atualizo a “memória” dos momentos íntimos em que “experimentei” Deus?
- ❖ Como cultivo diuturnamente a minha união com Deus?
- ❖ Como está a constância da minha vontade nos momentos de aridez e desolação espiritual?
- ❖ A minha mística cotidiana me permite descobrir Deus nas coisas simples de cada dia, principalmente no rosto dos pobres e necessitados?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – MARÇO DE 2020

- 13** Dia do aniversário da eleição de Papa Francisco ao pontificado (2013).
- 19** São José, Esposo da Virgem Maria, co-patrono da Congregação Passionista. Solenidade.
- 21** Recordação da Serva de Deus Ir. Carmelina Tarantino, CP (1937-1992), religiosa das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz.
- 25** Anunciação do Senhor. Solenidade.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).*